

A Crise, a Importância da Formação e o IFB¹

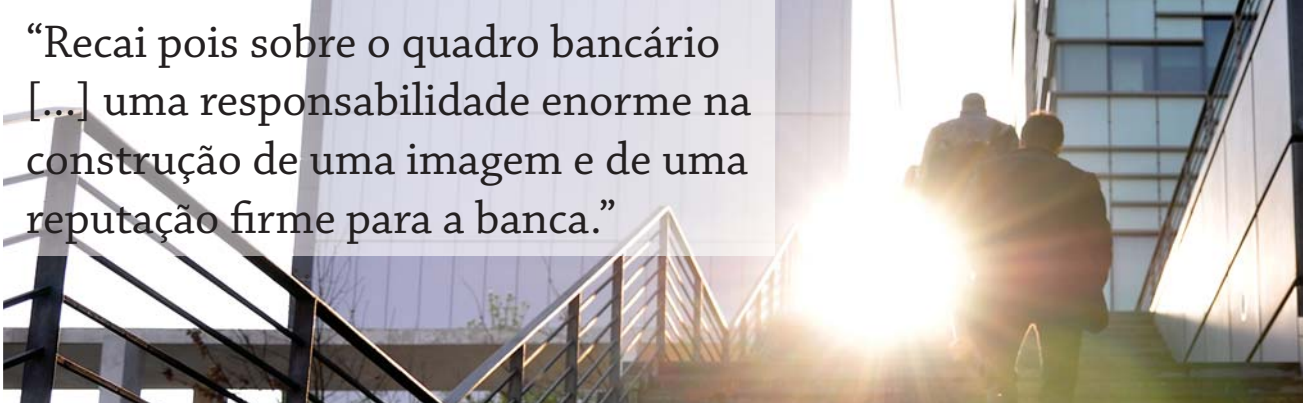


Manuela Athayde Marques*

O sector bancário vive hoje uma verdadeira revolução, regulatória a nível prudencial e comportamental, tecnológica, e de governação das instituições, a qual, a par da evolução da economia, induz alterações significativas nos modelos de negócio dos bancos e obriga a mudanças de paradigma no que respeita a princípios de gestão, impondo, entre outras, regras rigorosas de transparência, reporte e divulgação, e exigindo, em elevado grau, um comportamento ético e socialmente responsável por parte das instituições e da sua gestão.

A crise financeira internacional que se viveu, agravada na Europa pela crise da dívida soberana, gerou sentimentos generalizados contra a banca por se considerar que esta foi, em grande parte, responsável pelo desencadear da crise e da sua configuração. E há que assumi-lo, que a crise financeira iniciada nos EUA no final de 2007 foi fruto, em larga escala, de excessos de tomada de risco, de critérios pouco rigorosos de avaliação do mesmo,

“[...] a crise financeira iniciada nos EUA no final de 2007 foi fruto, em larga escala, de excessos de tomada de risco, de critérios pouco rigorosos de avaliação do mesmo, de especulação financeira, e de falta de transparência por detrás de muita inovação financeira.”



“Recai pois sobre o quadro bancário [...] uma responsabilidade enorme na construção de uma imagem e de uma reputação firme para a banca.”

de especulação financeira, e de falta de transparência por detrás de muita inovação financeira. As consequências da crise (ou crises) são sobejamente conhecidas, tendo tido um impacto sistémico generalizado muito negativo e violento a nível das instituições, dos mercados financeiros, das economias, dos contribuintes e da população em geral. Não admira pois que rapidamente se tenham procurado encontrar, no plano internacional, medidas correctivas a serem adoptadas no plano nacional/ regional, no sentido de se reporem sistemas financeiros fortes, modernos, sustentáveis, fiáveis e confiáveis.

Um sistema financeiro com estas características requer, por um lado, **medidas de prevenção** que visem assegurar a robustez do sistema bancário, levando-o a apresentar balanços mais sólidos através de maiores exigências de capital e liquidez, e de uma assunção mais cuidadosa e prudente de riscos. Por outro lado, requer uma **eficaz supervisão e monitorização** das instituições bancárias. Com medidas desta segunda natureza pretende-se que o sistema bancário se torne mais transparente e que haja um acompanhamento mais fiável e directo das instituições de crédito, reduzindo o seu risco de insolvência e os potenciais danos sobre os contribuintes. A **supervisão prudencial** tem por objectivo proteger e salvaguardar a resiliência dos bancos e, indirectamente, reforçar a confiança dos clientes e dos mercados. A **supervisão comportamental** visa a protecção do consumidor/investidor/cliente, as boas práticas, a boa governação e a ética na banca.

A Importância da Formação

Num quadro de profunda revolução regulatória, a gestão das instituições de crédito encontra-se perante uma envolvente muito difícil, extremamente exigente em termos de desempenho financeiro, altamente concorrencial e sob um profundo escrutínio comportamental por parte das autoridades competentes, políticos, *media* e outros *stakeholders*. Neste contexto, é e será cada vez mais importante a **formação do quadro bancário**. Não apenas para a absorção, compreensão e implementação dos novos conceitos prudenciais, das novas metodologias de avaliação de risco, das novas normas internacionais

de reporte financeiro, das novas exigências em termos de reporte e divulgação, das novas medidas a nível dos mercados financeiros mas também para a absorção, compreensão e interiorização de uma nova cultura de responsabilidade social, para a adopção de regras e práticas de gestão transparentes e para a assunção de comportamentos pautados pela ética. Só assim será possível (re)conquistar a confiança do consumidor/investidor/cliente, e o sector bancário (re)adquirir uma reputação de credibilidade e de *trust*.

Recai pois **sobre o quadro bancário em geral**, independentemente do seu nível hierárquico, uma **responsabilidade enorme na construção de uma imagem e de uma reputação firme para a banca**. Essa imagem passa, em primeiro lugar, pelas **Administrações** das instituições financeiras que têm aqui um dever e um papel fundamental a desempenhar no sentido de formatar a cultura institucional e de estabelecer os princípios/valores éticos fundacionais em que ela tem de assentar, através da institucionalização de códigos de conduta, de políticas de formação e qualificação técnico/profissionais dos seus quadros, de políticas de educação financeira do pessoal bancário em geral, do estabelecimento de regras e orientações consentâneas e da fixação de sistemas de incentivo e compensação adequados. Em segundo lugar, passa pelas **Direcções de Topo** a quem compete criar as condições favoráveis à disseminação e adopção da cultura ao longo de todos os níveis hierárquicos da organização, através do seu exemplo, da sua liderança, da comunicação, da promoção da formação de alta qualidade dos seus quadros e da sua qualificação, da promoção interna generalizada de uma educação financeira sólida, e do respectivo *monitoring* e controlo. E, por último, passa por cada um dos funcionários da instituição de crédito, no desempenho diário das suas funções, na aplicação prática dos conhecimentos adquiridos e na forma do seu relacionamento com a envolvente externa.

Tanta responsabilidade, em termos de liderança, condução e gestão, tanto no plano prudencial, no sentido de promover instituições financeiras sólidas e robustas, como no plano comportamental, requer

dos quadros da banca a percepção de que a sua aprendizagem não se esgota na obtenção de um grau profissionalizante ou universitário nem tão pouco na frequência de um ou outro curso para executivos. A formação técnica/profissional e a formação humana constituem processos de desenvolvimento em contínuo que tem de persistir pela vida fora de cada um. Só assim, as instituições bancárias poderão contar com capital humano de excelência e qualificado e terão a capacidade para enfrentar os desafios de uma envolvente em permanente mutação, e hoje em estonteante evolução, que a cada momento infelizmente nos poderá sempre surpreender da forma mais inesperada e negativa possível.

O Papel do Instituto de Formação Bancária

É esta perspectiva e este entendimento que o Instituto de Formação Bancária tem procurado, desde a sua origem, por em prática, em sintonia com a sua missão e o seu objecto social central – satisfazer as necessidades de formação profissional dos empregados bancários nos domínios respeitantes à actividade bancária e afins, disponibilizando os meios para o desenvolvimento dos Recursos Humanos do sector e complementando as estruturas internas de formação das respectivas instituições bancárias.

Há 34 anos que o Instituto de Formação Bancária preenche um nicho de mercado na formação de cariz finan-



“[...] o que tem permitido ao IFB ter hoje um lugar de relevo e uma reputação indiscutível na formação do quadro bancário, em Portugal.”

ceira em Portugal que não tem sido preenchido quer por instituições de natureza universitária quer por outros institutos politécnicos. Esta realidade radica na existência de uma **vantagem competitiva do IFB** neste espaço de actuação em relação aos seus concorrentes mais directos que deriva, a) por um lado, **da sua inserção na Associação Portuguesa de Bancos** e do acesso privilegiado que tal inserção lhe confere aos Bancos associados, e às estruturas respectivas de Formação e Desenvolvimento de RH com quem mantém uma estreita e permanente ligação e, b) por outro lado, da sua ligação de longa data no domínio internacional com prestigiadas entidades vocacionadas para a formação profissional no sector financeiro e das mais-valias originadas na colaboração que mantém tanto com universidades como com diversas instituições especializadas portuguesas e estrangeiras.

Uma Oferta Actualizada e Inovadora

Estes dois factores têm permitido ao IFB manter uma oferta permanentemente actualizada e inovadora em termos de formação, adequada às especificidades e às exigências ditadas pela evolução regulatória e pelos mais modernos conhecimentos *state-of the-art* a nível de gestão e técnicas bancárias. Tem-lhe permitido ainda dispor de um elevado *stock* de conhecimentos e experiências derivado da qualificação dos seus quadros próprios e dos quadros mais experientes dos Bancos associados, e da reputação reconhecida no mercado dos seus consultores externos, nacionais e estrangeiros. Todo este saber e experiência acumulados têm sido postos ao serviço da formação em banca com elevado grau de exigência, profissionalismo e qualidade, o que tem permitido ao IFB ter hoje um lugar de relevo e uma reputação indiscutível na formação do quadro bancário, em Portugal. ■

***Secretária Geral da Associação Portuguesa de Bancos (APB).**

¹Texto do discurso proferido no encerramento do 13º Curso Integrado de Gestão Bancária em 9 de julho de 2014.

Texto escrito segundo a antiga ortografia.